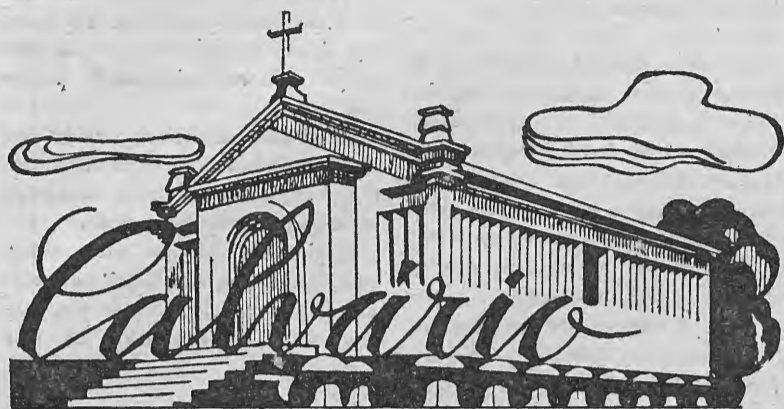


# Gaiato

23 DE NOVEMBRO DE 1974

Ano XXXI — N.º 801 — Preço 2\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES



Foi há quinze anos. Após diálogo no Terreiro do Paço, chegou aqui um cheque de cinco mil escudos. Era o subsídio atribuído a esta Instituição para aquele ano. Reli o ofício que o acompanhava e confirmei. Não me pude conformar e devolvi o cheque. Por tão pouco não valia a pena ficar devedor. E nunca mais obtive resposta. Por outros caminhos, de silêncio e de generosidade, tem vindo, certo e oportuno, o preciso. E há-de continuar a vir no futuro. Nem duvidamos.

Mas hoje, que se procura fazer a cobertura assistencial do nosso País, reforçando até as pensões aos mais deficientes e inválidos — recolhendo nós precisamente, e só, deficientes e inválidos, sem família nem recuperação — não haverá lugar nos planos da dita cobertura assistencial, para estes que aqui temos e para tantos outros que desejamos ter, por sabermos que estão carecidos?

Se não há, parece-nos poder afirmar que a injustiça de outrora ainda não foi eliminada.

Estamos a construir um Portugal novo. Contudo, o edifício humano que se pretende levantar, se fica com injustiças no seu seio, está minado interiormente.

Evidentemente que nós não fazemos nem pretendemos fazer assistência na Obra da Rua, trabalhando para isso engenhosamente. Somos claros e simples: o nosso labor é amar o Rapaz abandonado e o Doente incurável que nos vão chamando; e a confiança para tal assenta em Deus. Temos largos anos de confirmação sobre Quem governa esta Casa. Não damos a ninguém a confiança que nEle depositamos.

CONTINUA NA TERCEIRA PÁGINA

## SETÚBAL

Sempre me tem bailado no espírito o problema e a noção da Liberdade, como grande conquista do homem. Se a vida é um dom que nos é concedido sem que nos pronunciemos, a Liberdade é um valor que cada homem tem de conquistar individual e socialmente.

Não basta fazer-se propaganda da Liberdade só porque houve uma determinada libertação, ou melhor, só porque nos foi oferecida a oportunidade de sermos livres em determinados campos. Eu creio que não há Liberdade enquanto não houver uma autêntica libertação. Se é verdade que as liberdades cívicas nos podem ajudar a procurar um melhor caminho para a libertação, também é verdade que sem libertação não pode haver autênticas liberdades cívicas. Enquanto o Povo não tiver pão, casa, educação e instrução, não podemos falar de Liberdade.

Há dias assisti ao comício dum partido da coligação. Fiquei decepcionado. Esperava ver mentalização, esclarecimento, doutrina partidária e ideológica. Mas não. Apenas vi gritar, entusiasmar e quase fanatizar a gente que ali acorreu. Isto não é caminho nem de Liberdade, nem de liberta-

ção e muito menos de Democracia.

A forma como os meios de comunicação social de maior influência entre nós têm falado de Liberdade dá-me a impressão de um conceito muito adolescente. Já ouvi classificar a nossa democracia de **moça**. Tenho sofrido na carne esta **mocidade** que me parece não interessar a ninguém se, em vez de construir, destroi.

Os Pobres são quem mais

sofre com as transformações sociais. Os nossos Rapazes adolescentes, muitos sem raízes familiares profundas, agarrados a esta Família que é Casa do Gaiato, sentiram abanão da liberdade apregoados e foram gozá-la de uma forma enganosa e vã. Fugiram. Casa do Gaiato, apesar da liberdade familiar que lhes proporciona, não os satisfaz. Mai

Continua na QUARTA página

## Carta dos Jovens aos Cristãos

Depois de sério esforço de preparação espiritual, o Concílio dos Jovens acaba de realizar-se (na sua primeira fase) de 30 de Agosto a 1 de Setembro. Presentes 40.000 Jovens de todo o mundo: católicos, protestantes, ortodoxos e mesmo alguns não-cristãos. O Concílio dos Jovens realizou-se da maneira mais informal e espontânea. Também informal e espontâneo foi o documento que publicou: a «Carta ao Povo de Deus». Eis o que diz:

Vimos ao mundo numa terra que se tornou inabitável para a maioria dos homens. Grande parte da Humanidade vê-se explorada por uma minoria que tem privilégios inadmissíveis. São muitos os regimes policiais que protegem os poderosos. As sociedades multinacionais impõem as suas leis. Reinam o lucro e o dinheiro. Os que estão no poder raro escutam os homens sem voz.

E o Povo de Deus, que caminho de libertação abre? Eis uma pergunta a que se não pode fugir.

Quando os cristãos dos primeiros tempos se viram perante uma questão insolúvel e prestes a dividirem-se, resolveram encontrar-se num concílio. Isso o recordámos na Páscoa de 1970, quando procurávamos respostas para o nosso tempo. E logo optámos, não por um fórum de ideias, nem mesmo por um congresso,

mas por um Concílio de Jovens, isto é, por uma realização que congregasse jovens de todo o mundo e nos compromettesse, sem ambiguidades, na causa de Cristo e do Evangelho.

No coração do Concílio dos Jovens está Cristo ressuscitado. Celebramo-Lo presente na Eucaristia, vivo na Igreja, escondido no homem nosso irmão.

Durante quatro anos e meio de preparação, fizemos constantes visitas uns aos outros percorremos a terra em todos os sentidos, apesar dos meios precários. Nalguns lugares, as condições políticas fizeram que passássemos por situações difíceis.

Pouco a pouco foi surgindo uma consciência comum. Foi ela muito especialmente marcada pela voz dos que, entre

Continua na QUARTA página



Bonito recanto do Lar de Setúbal. O Amériquito que o diga...

# Pelas Casas do Gaiato

## Notícias da Conferência de Paço de Sousa

**AUTO-CONSTRUÇÃO** — O interesse dos nossos Leitores pelo caso daquele homem que, heroicamente, está a levantar mais uma dependência em sua exígua moradia — publicado na edição de 31 de Agosto — já o dissemos e repetimos: abriu-nos um vasto campo de acção oportuna, oportuníssima: dar a mão aos ignorados Auto-construtores.

Das sobras do que tem vindo para aquele já servimos mais três. Graças a Deus! E vamos servir, ainda, outros três — com o valor do telhado das suas casas.

A maior parte destes homens são novos. Trabalhadores nas mais variadas profissões.

O vicentino — às vezes, amigo e conhecido, tu cá, tu lá — discretamente vai, vê, torna a ver. Um dia conversam; a sós. Depois, avalia a estrutura da construção; medidas das salas, quartos, etc. e a solidez do prédio. E dão as mãos. Quando não um abraço, com lágrimas de perneio. Ai quando os Homeps choram!...

— Não pode ser!...

— É.

— Aqui tens. É teu. Não é esmola. É justiça. A Justiça. Anda; cobre a casa...

Aquela é uma noite diferente. Um alívio de encargos — tão grandes...!! O colchão, duro, já não incomoda tanto. É o telhado...

Voltaremos ao tema, oportunamente. Com dados mais concretos. Testemunhos pessoais, ainda que naturalmente discretos, anónimos. Voltaremos para dar o devido relevo ao valor moral, cívico, económico e social da Auto-construção espontânea — individual ou congregada — para que o mundo saiba como, para além do verbalismo, há homens ignorados, tantos humildes por esse País fora que, sem ajudas substanciais — apenas com o seu braço, dos seus e nem sempre dos amigos... — à força de mil renúncias, de noites mal dormidas, sábados e domingos derreados, levantam a sua casa; pequenina pátria na sua Pátria — tudo isto com sangue, suor e lágrimas; quantas!

E para amenizar o esforço heróico destes heróis — sem condecorações — aí temos mais uma ajuda, uma colaboração, da cidade do Porto:

*«(...) Hoje envio 500\$00 para o senhor que quer aumentar a casa e só a placa custa mil e quinhentos escudos. Se já estiver servido, fica para outra coisa que entenda...»*

Vai para telhas. Mais telhas! Mais telhados! Mais casas que são luzeiros; testemunhos de um Povo, capaz

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE.



de se libertar da mansarda com uma única força: os seus braços!

**DONATIVOS** — Os nossos bons amigos Leitores continuam — e muito bem — a ser um grande suporte material, o único, da nossa discreta acção. Sem ele, verdade seja, pouco ou quase nada poderíamos fazer junto dos Pobres.

Assim, vamos suprindo, inclusive, aquilo a que a maior parte dos Pobres — sobretudo os Velhos — numa sociedade bem organizada, teriam direito, se o Seguro Social no meio rural não fosse pakeativo; que o industrializado ainda é dos mais baixos a nível europeu.

Mas, por decisão ministerial, as brechas mais profundas — gritantes injustiças — vão ser aliviadas, na medida das disponibilidades do erário que é fruto do suor dos Trabalhadores. Dinheiro sagrado, cujo objectivo é o bem-estar do Povo que moureja; e nunca deveria, ou deverá, ter outro fim.

Aí vai, pois, o desfile que bateu à nossa porta, durante a quinzena:

A frente, Moçambique:

*«Junto um cheque de 100\$00 para que um dos vossos Pobres tenha uma hora de vida melhor, como a mim foi dado ter, por certo em virtude de Pai Américo ter ouvido a minha súplica.»*

Um acto de fé!

Mais Seixal:

*«Pedindo que os cristãos compreendam, cada vez mais, que a partilha do pão não fica na Eucaristia, envia 700\$00 a Assinante do Seixal.»*

É do Evangelho!

Porto, com 200\$00 e uma súplica:

*«Olhando o momento..., lembrei-me de vos pedir orações para a Paz.»*

Estoril:

*«(...) Os 344\$00 que ganhei nos dias de Corpo de Deus e Assunção de Nossa Senhora, são para os seus Pobres.»*

*«Sempre que houver de trabalhar nos dias santos, pagos como feriados, enviar-lhe-ei a importância que deles auferir...»*

Mais 100\$00 de Lisboa, Bairro Carmona. O dobro de «Duas Helenas» da capital. *«Vinte escudos por alma duma amiga»* — de algures. Aveiro, 500\$00 e uma prece: *«Lembrai-vos de mim nas vossas orações, sim?»* Lembramos, sempre, em todas as reuniões, os nossos colaboradores. Faro, presença utilíssima! Mais 20\$ do Porto. E, por fim, ainda de Lisboa, o cumprimento de um voto:

*«(...) Junto a quantia de mil escudos para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, de Paço de Sousa... em comutação duma promessa não cumprida.»*

*«Aqui vai uma parcela. Que Deus e Nossa Senhora me perdoem. Agradeço uma oração por esta intenção.»*

Dito ali, dito aqui.

Hoje, a procissão, sem fanfarras nem pendões, sem opas nem cera, é repositório de vida cristã. A Vida! Mal de nós, dos cristãos, se apesar e por causa das nossas limitações — das nossas fraquezas, dos nossos pecados, sete ou mais vezes por dia — não testemunharmos a nossa fé; e mais: não formos fermento na massa, sobretudo entre os Pobres! Seremos os primeiros, nós, a reconhecermo-nos pobres, paupérrimos. E,

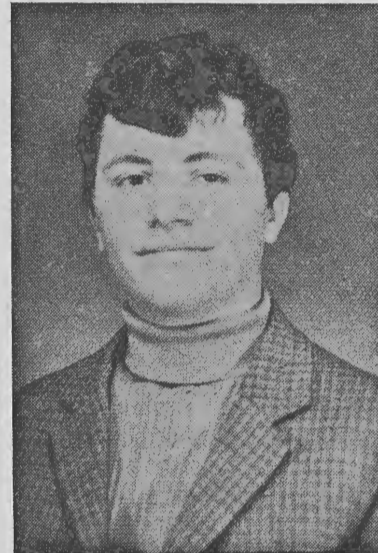
quanto mais, mais ricos de vida — da Vida!

Júlio Mendes



**ELEIÇÕES** — No sábado, dia 2, pelas 16,30 horas, realizámos um acto muito importante para a nossa Casa: Temos chefe-maioral, escolhido pelo critério dos rapazes. E, assim, começa uma nova etapa da vida cá em Casa.

É uma tarefa de grande responsabilidade para quem está acima de tudo, dos encargos e dos rapazes.



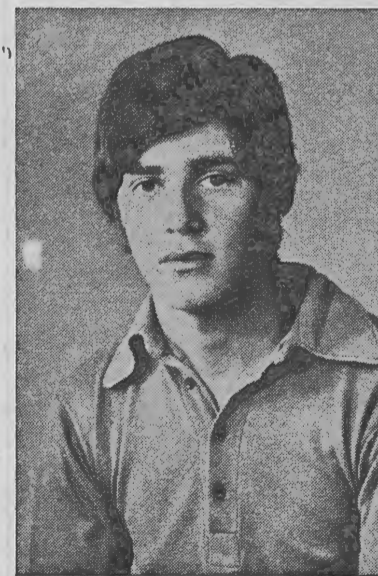
«Coradinho» — o novo chefe-maioral.

Estou convencido de que não vai ser só o maioral a responsabilizar-se pelos problemas da Casa; é preciso também a ajuda dos outros chefes e a ajuda de todos os rapazes.

Muitas vezes isto não tem acontecido com outros chefes-maiorais que por aqui passaram: tiveram dificuldades só porque perderam certos «amigos», amigos estes que o eram até ao dia das eleições, tendo sobre o seu preferido uma consciência má. Depois resultava que o chefe-maioral se sentisse muito só.

Hoje não queremos isto, mas sim a união e a paz nos nossos corações.

Os elegíveis foram o «Coradinho», eu e o «Bombeiro».



«Fidalgo» — sub-chefe eleito.

Estávamos todos na expectativa de quem seria destes o chefe-maioral. Assim, o escrutínio começou com grande entusiasmo. Pouco a pouco, os votos a favor do «Coradinho» aumentavam e, com isto, ia-se preven-

do que ganharia ele sem ser preciso segundo escrutínio.

A votação terminou com o seguinte resultado: «Coradinho», 42 votos; «Fidalgo», 16 e «Bombeiro», 4.

Ganhou o «Coradinho», mas somos todos a pegar no peso da responsabilidade. Colaborar sem hesitação será a minha arma.

**SUINOS** — Deço a ribanceira que dá para a nossa lavoura e encontro o Serafim atarefado com a matança de um valente porco. Depois sigo em direcção às cortes e vejo que uma porca deu à luz 9 bonitos porquinhos. Em seguida em outra corte: outra porca vai ter criação, o que está previsto daqui a nove dias.

Chamo a atenção dos senhores visitantes, para que apreciem estes dons da Natureza.

**ELEIÇÃO DO CHEFE DO LAR DO PORTO** — Também neste princípio de ano lectivo — já bem atrasado! — decorreu a eleição do chefe do Lar do Porto, onde vivem os nossos estudantes durante todo o ano escolar.

Assim foi e neste caso adoptou-se o critério de que todos os rapazes eram elegíveis. Todos votaram menos os que, este ano, vão estudar pela primeira vez.

Assim, o Tónio foi julgado o mais capaz para se pôr à frente do Lar. Teve 11 votos dos 16 proferidos, sendo os outros dois votos para o Artur, e um para o José Alberto, outro



O Tónio — chefe do Lar do Porto.

para o Américo e outro para o «Espinho».

Com isto esperamos que no Porto não deixe de correr tudo pelo melhor, assim como o que respeita aos estudos de cada um.

Felicidades para todos.

**DIA DE S. SIMÃO** — Na segunda-feira, dia 28, esteve um bonito dia com o sol a romper logo pela manhã.

Pelas 9 horas surgiram os primeiros visitantes e eu fui chamado para ir aos cicerones vender livros e postais.

Bastante gente neste dia, com vários carros a chegarem de quando em vez. Esteve um dia quente, como um dia de verão, que convidava a um passeio pelo silêncio dos campos.

Esteve tudo aberto — como é costume — para que as pessoas pudessem ver e sentir a Obra da Rua.

Pena é que este dia não se repita várias vezes ao ano pois os rapazes gostam muito que os visitem durante a semana e hoje a nossa quinta con-

vida bem as pessoas a lharem para a Natureza. As árvores estão a ficar nuas, as folhas mudam de cor e os campos de maior altitude estão cobertos de branco.

É um lindo dia de Outono como eu ainda não tinha visto este ano!

**OBRAS** — A alfaiataria e a sapataria continuam com obras, mas agora são apenas os últimos arranjos para termos tudo em condições de funcionar.

Os alfaiates agradecem aos leitores de Ermesinde e Vila Nova de Famalição as linhas enfiadas, acedendo ao nosso pedido de meses atrás.

Quando nos visitarem nunca esqueçam os alfaiates, que ficam em frente ao campo de futebol, pois eles gostam muito da companhia de toda a gente.

**TROPAS** — Já cá chegou o nosso Adriano Balduino com o serviço militar cumprido. Esteve dois anos em Moçambique.

De Angola chegou o nosso Domingos «Soutelo» que veio simplesmente para gozar férias, aproveitando, assim, visitar os amigos e familiares. Agora dentro de poucos dias partirá novamente para continuar a sua comissão.

**UMA VISITA DE ANGOLA** — Da Casa de Benguela veio o Barradas, que já cá está há uns dias, para conhecer os rapazes e as Casas do Gaiato da Europa.

É uma excelente companhia e sempre que pode dá uma ajuda ao Manuel Pinto nas contas da Casa.

Em meados de Novembro ele pensa regressar e então se dedicará como obreiro na Casa do Gaiato de Benguela. Tenciona casar lá para o mês de Março do ano de 1975.

Desejamos-lhe muitas felicidades.

**MUDANÇA DE CASA E CHEFES**

— Aproveitou-se um sábado com a mudança de roupas de cama e vestir, com um banho geral, que sempre foi costume neste dia.

Assim, houve, portanto, a subida de alguns rapazes para outros dormitórios.

Cada casa está marcada com uma data dos anos dos rapazes para não haver misturas entre crianças e adolescentes. Assim, a casa 4 r/c pertence à idade dos 6 aos 10 anos e tem como chefe a sra. professora D. Maria Angélica.

A casa 4 andar de cima pertence à idade dos 10 aos 12 anos, estando eu mais o Germano como chefes.

Na casa 3 r/c passou o «Sineta» a sub-chefe do «Coradinho», chefe já antigo. Nesta casa, as idades vão dos 13 aos 15 anos.

Para a casa 3 de cima passou o «Bombeiro» mais o seu irmão «Faisca» como chefes desta casa. As idades, aqui, variam entre os 15 e os 17 anos.

Depois só temos mais a casa 2 do andar de cima ocupada com rapazes de 18 anos e mais, até chegarem à tropa. Os chefes desta casa são o «Tónio Zucaca» mais o Tinoco.

A casa 2 r/c destina-se só aos estudantes e trabalhadores do Lar que chegam aos fins-de-semana.

Manuel Amândio («Fidalgo»)



# POBRES

O sr. João faleceu no sanatório.

Em tempos, contámos a sua história: a miséria, a fome que passara, abandonado dos próprios familiares! Aliás, **medalha** de muitos velhos que, durante uma vida inteira, de sol a sol, cavaram a terra que nos dá o pão! E, no fim, como no caso vertente, mal tiveram tempo de saborear o recente e pequeníssimo subsídio oficial (o povo diz **reforma...**), cuja entrega, ainda assim, às vezes, é protegida.

O subsídio é uma espécie de reparação tardia; não uma solução, à luz clara da Justiça Social. Antes dele surgir, Conferência Vicentina, Património dos Pobres e Obra da Rua colmataram brechas de que sr. João — e outros Joões — foram e são vítimas.

Entretanto, chegou a sua hora; o princípio do fim: sanatório! Claro, para os bem intencionados apologistas de **serviços ambulatoriais**, motivados pela Assistência de países ricos ou desenvolvidos, ele, sr. João, deveria ser tratado em casa... se a tivesse; pelos **seus** meios... se os possuísse; pela família... se o aconchegasse. Mas uma coisa é o bom que se vê lá fora, outra, as reais condições sociais do nosso meio. E, aqui, falham rotundamente os teóricos! Por falta de tarimba, por desconhecimento da complexidade de casos de abandono ou solidão de Indigentes ou Pobres da nossa terra, do Minho ao Algarve...? A esses senhores, que desejam acabar com sanató-

rios e estabelecimentos congêneres; que, inclusivé, nunca abriam os olhos do corpo e da alma para a necessidade absoluta de **Calvários** — a esses senhores não vamos ao ponto de dizer para experimentarem viver ou sentir na sua carne o pavor do total desamparo na doença; mas fazia-lhes muito bem arrecadar a (sua) **ciência**, descer do pedestal (político, catedrático ou clínico) e vir por aí abaixo, sem medo das pulgas, dos dejectos, do palavrão..., à casa do Pobre, do Indigente, no meio rural, nas cinturas das grandes ou pequenas urbes, até mesmo nas ilhas citadinas, e analisar caso por caso, até caírem prostrados, esmagados pela evidência. Dispor-se-iam, então, com certeza, a mudar de ideias, para o mais certo e razoável — atendendo aos condicionamentos do nosso meio: dar cama, mesa e tratamento completo aos Doentes abandonados, ou semi-abandonados, em estabelecimentos adequados. Acto de humildade, sim; indispensável. Reclama-o a própria Nação no corpo doloroso de muitos dos seus filhos!

É triste, diria vergonhoso, como, após tantos anos, Pai Américo haver posto os **pontos nos ii** — com a verdade nua e crua — e, ainda hoje!, no País que deu novos mundos ao Mundo morrer gente pior do que os animais domésticos!! Não como os **lulus**... que definem um certo tipo de alienação.

Na segunda-feira passada demos o último adeus ao sr. João. Presidiu ao funeral o

os homens que têm capacidade física e faculdades de uma inteligência provada em tantas invenções, não admitem como coisa lógica que a existência humana é como as folhas das próprias árvores?! Deve o próprio homem respeitar o Homem, em especial aquele que carece de ajuda e não ser espezinhado como folhas caídas! A dignidade do Homem, seja qual e como for, merece muito mais atenção e respeito do que aquilo que se tem em relação às folhas caídas. Estas servem para adubar as terras. Mas estes nossos Irmãos podem ser sinal de contradição, como têm sido! Mas são-no também de salvação para eles e para todos nós! Não fora isso, Pai Américo e os seus continuadores deixariam de acreditar no sentido sobrenatural que têm tantas «folhas mortas» pelo egoísmo de tantos homens. Mas, sim ou não, teremos de acreditar que ao cabo de conjunturas que se façam, todos nós somos, mais tarde ou mais cedo, uma geração que cairá como as folhas das árvores que os Doentes mais capazes vão varrendo. E que ficará após esta passagem pela terra?! Esta é uma das verdades tão simples como o é a forma como o Edmaro, o João, a Maria, a Teresa..., varrem e acarretam as ditas para o respectivo lugar!

Manuel Simões

nosso Padre Abraão, que celebrou Missa de corpo presente com a participação da maior parte dos Doentes do sanatório. A homilia frisou o que é a morte como sinal de Vida para o cristão. E disse, também, da cruz deste homem e de tantos outros, alguns, presehtes. Depois, levámo-lo à última morada. Era um dia de sol brilhante! Queria ser poeta. Descrever à beleza de todo aquele panorama que, de Louredo, se divisa pela estrada fora. Queria destrinçar a diversidade de tons multicores nas árvores e vinhas, de que o Outono é fértil... Queria dar-vos uma imagem fiel do sentimento cristão dos colegas do sr. João que, piedosamente, lançaram terra sobre a tumba. Queria revelar o carinho da enfermeira — que lhe assistiu afectuosamente nos últimos momentos — e da responsável pelo estabelecimento. Queria, por fim, que os homens responsáveis não se deixassem enamorar por utopias; não fechassem, mas conservassem — e abrissem! — estabelecimentos onde o Indigente, o Pobre, que padece, seja tratado até ao fim da cura — ou da própria vida. Não como mais um, mais um número ou mercadoria, mas como Homem, com corpo e alma!

Júlio Mendes

## Calvário

Cont. da PRIMEIRA página

Perguntamos, no entanto, se os homens que nos governam vêem o Homem como Deus o vê; têm do Homem a dimensão que Deus tem; e, quando aquele está reduzido à fraqueza, à nulidade, se lhes merece ainda alguma atenção!

Ajudar o mais pobre; acariñar o mais fraco; amar o mais doente — é a prova mais forte de que se tem pelo Homem o conceito mais alto e o apreço mais elevado. E é este o teste a que todos nos devíamos sujeitar antes de apregoarmos os projectos que temos em mente realizar pelo Bem-comum.

Foi há quinze anos. Nunca mais obtive resposta. Continuarei seguro do mesmo modo se ela nunca mais vier!

Padre Baptista

## RETALHOS DE VIDA

### O François

Sou natural de Paris aonde nasci a 20 de Novembro de 1961. Chamo-me François de Abreu Pinto. Tenho um irmão com 14 anos e eu tenho 13. Eu e os meus pais estivemos 6 anos em França e depois viemos para Portugal. Há 5 anos a minha mãe abandonou-nos e o meu pai morreu num poço de gás e fomos para casa da minha avó. Onze meses depois viemos para a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Eu ando na 4.ª classe e o meu irmão já fez o 2.º ano; pois, se Deus quiser, também o hei-de fazer. Na Casa do Gaiato, trabalho no refeitório dos médios; sou vendedor do Jornal no Porto e passo cerca de 400 jornais; e gosto muito de vender. Mando muitos cumprimentos para os nossos queridos leitores.

François de Abreu Pinto

## CANTINHO DE POESIA

Numa tarde de temporal medonho  
Bramia o vento agrestemente,  
Levando à sua frente  
As folhas secas do meu leito  
E as árvores seculares do meu País...

Quanta paisagem louca e infeliz!...

— Ó vento de Novembro a bramir nos telhados!  
Vento dos rotos! dos sem-lar! dos degredados!  
Desses para quem o mundo se resume a uma Valeta...  
Ó vento a desejar o toque da Trombeta!  
Vento da manhã escura e entardecer medonho  
De um dia em que não chega a despertar um sonho!...  
Ó vento da Montanha! Ó vento dos outeiros!  
Fero nos matagais! pertinaz nos olmeiros!...  
Vento dos campos nus... dos rios desmedidos...  
Límpidos no Verão, agora entreperdidos!...  
Vento que estando o dia a prosperar da Hora,  
Surges a interromper esta adição sonora!  
Vento dos pinheirais! das austrálias vergadas!  
Vento! ó vento das flores desenfreadas!...

Por Deus!!!

Vento, não bramas! Pára! Olha essa ave perdida!  
De tanto esvoaçar as asas tem cansadas  
E morre lentamente...  
Não a roubes à vida!  
Deixa-a viver no céu do meu País  
Tranquilamente!...

Santos Silva

# Areias do Cavaco

Veio, há dias, um telefonema a protestar contra a falta de notícias da nossa Casa n'«O Gaiato». Pedi desculpa e renovei propósitos feitos muitas vezes.

O assunto desta Nota é dum viúva da Massangarala, que vive ali junto ao mercado do mesmo bairro. Alguém me falou dela por causa do internamento dos filhos em nossa Casa. Chama-se Ida. É natural de Cabo Verde. O marido morreu há três semanas. Ganhava 35\$00 para sustentar 6 filhos e mais um em vésperas de nascer.

Estive em casa dela. Voltei lá. Não mais deixarei de amar a Massangarala enquanto lá viver a Ida com os filhos.

Não trouxe nenhum comigo. Eles pertencem todos à mãe que lhes quer muito. São a única riqueza que tem.

Vamos, sim, ajudar a mãe. Ela tem direito. Cada um de nós tem obrigação. Vamos ajudá-la a dar o pão aos filhos, São sete. A um ou outro começa a barriga a crescer e os pés a adelgaçar. Vamos ajudá-los na escola. Ao pensar nestes filhos, penso nos filhos dos que lêem esta Nota e a quem nada falta! A estes tudo falta!

Estas situações são fruto de uma sociedade injusta. Cada um de nós é responsável. Sempre que entro na casa daquela viúva, saio, depois, com uma vontade grande de bater a todas as portas, às que têm mais e às que têm menos; e pegar nas mãos dos seus donos e levá-los comigo a ver a Verdade e a descobrir a Mentira que há nas suas vidas.

Até breve.

Padre Manuel António



## ● O LANÇAMENTO DO «DOCTRINA»

Na hora presente a máquina imprime o último caderno da reedição do livro «DOCTRINA». O último!

Não vamos dizer da satisfação dos tipógrafos. Tampouco do cuidado que a obra mereceu a todos e a cada um. Só que a maior parte do serviço correu por mãos gaiatas. É produto do nosso trabalho. Trabalho e formação profissional que reeditem o «Lixo das ruas»!

Já começaram a aparecer os ansiosos pelo lançamento do livro que, se Deus quiser, sairá para a rua antes do Natal. Uns, assinantes da Editorial. Outros, ainda não. Mas vamos tomando nota destes e, na altura própria, serviremos todos. Inclusive os que forem motivados pelo postal RSF que expediremos, oportunamente, pel'«O Gaiato», sendo, como é, vantajoso para os CTT — segundo informação oficial...

Para adogar a boca dos nossos Leitores, aí vai mais um extracto do «DOCTRINA»:

«Ontem, apeou-se um visitante de sumptuoso carro e entrou na Capela a fazer oração. A saída, veio-me dizer do que se tratava: Andava a família em partilhas e que havia de dar uma boa esmolá para esta Casa, se as coisas corresse a seu desejo. Dito isto, toma o sumptuoso e retira-se.

Esta pessoa não conhece. É um materialista a puzar tudo e todos para os seus interesses, até o próprio Evangelho — mas ele não vai. Tão pouco foi oração

# Os livros de Pai Américo

o que se passou dentro da nossa Capela.

Também duma vez procuraram o Mestre para dirimir justamente uma questão de partilhas: «Mestre, disse a meus irmãos que façam partilhas». E Ele despediu o suplicante, aborrecido. Não foi oração. Oração é doação, mas o nosso visitante não sabe. Não conhece.

Um cristão sincero e de boa vontade teria dito assim: «Olhe, padre, os meus irmãos andam em partilhas. Eu entrei agora mesmo na sua Capela e fiz oração. Pedi a Deus que me desse o verdadeiro espírito de Pobreza, para nunca me prender ao efêmero, nem litigiar. Deixo ficar aqui esta quantia para ajuda do pão destes Rapazes, como penhor da minha sinceridade. Quero fazer violência, para ser atendido».

Mas não. Aquele senhor não entende assim. Basta ter posto o se, para não receber nada.

Ele e quanto, se propõem fazer negócio com os interesses celestes, à maneira dos terrestres. E são tantos os que o fazem!

Eu farto-me de pregar por esses púlpitos além contra o ventre. O ventre cega. O ventre obstrui, empana, tolhe, quando dele se faz um deus. E são tantos os que o fazem!»

## ● A VOZ DOS LEITORES

No entanto, as restantes obras de Pai Américo — do «Pão dos Pobres» a «O Barredo» —

continuam a ser muito procuradas. Nos últimos dias, então, servimos uma data de gente! Muitos recomendando a sua inscrição como assinantes da nossa Editorial. «Eu quero receber todos os livros do Padre Américo!» — diz um. Outros e outros, idem, por outras palavras.

Como vem sendo habitual, achamos preferível dar a voz aos nossos Leitores. São ressonâncias da Mensagem testemunhada por Pai Américo.

Cascais:

«Acuso recepção dos livros «O Barredo» e «Pão dos Pobres», que muito agradeço. Qualquer deles são meus velhos conhecidos. «O Barredo» destinei-o a esclarecer um jornalista pouco esclarecido e o «Pão dos Pobres» deve ir parar às mãos de um grupo de «meninos» e «meninas» que ao mesmo tempo que gastam consigo próprios os dinheiros dos pais, vão dizendo que não há o direito de haver tanta miséria, etc., etc., etc...»

Lisboa:

«(...) Vai hoje, vai amanhã, nem sempre há disposição e... porque não dizê-lo?, nem sempre há de heiro em quem vive só do seu trabalho — e a conta atrasa-se.

O que vale é vocês serem um credor paciente e benévolo.

Enfim, cá vai, com algumas considerações sobre «O Barredo»:

Li-o sófregamente — terei agora de o fazer com mais calma — e faz doer.

E mais doeu, quando já depois de 25 de Abril a TV mostrou imagens daquilo a que o livro se refere, tão iguais que dava a impressão de estar com ele aberto a ler aquela miséria.

Mas, afinal, desde há quantos anos «ninguém» leu tal depoimento!

Não há dúvida, que agora mais que nunca se compreende e se acredita no tremendo aviso que diz que é mais fácil passar um camelo pelo fundo duma agulha... Vale, de facto, infinitamente mais ter às vezes insónias para levar a cruz ao Calvário do que ter um dia de pagar pelos egoísmos e avarezas que provocam tais situações.

E há tanta desta gente (?) que vemos a frequentar Igrejas e Sacramentos, ainda por cima a fazer descrever aqueles que, afinal, são legítimos donos daquilo que farisaicamente usufruem sós.

Haveria tanto a dizer...»

Porto:

«(...) Recebi «O Barredo» há meses. Li-o, como é hábito, nos 15 dias de férias anuais que, desta vez, passei em termas. As tensões a que as relações humanas hoje obrigam, os esforços de adaptação e de contenção que fazemos, o manter a dignidade e a firmeza, sem cedências à demagogia, à facilidade e ao exagero, gastam-nos e alteram o equilíbrio nervoso: daí o recurso ao repouso termal...

Li — dizia — «O Barredo»

que foi e não foi novidade: Não, porque já lera a 1.ª edição há anos; não, porque já fora aquecido, quando jovem, com nacos incendiários e dispersos nos «Gaiatos» dos anos 40. Sim, porque a frescura é a mesma; são realidades, são bocados de vida, arrancados ao cotidiano dos anos 70...

Mas, à luz de hoje, continua «O Barredo», na perenidade do Evangelho, a ser um grito das entranhas do ser, um hino ao esforço e sofrimento humano, um reconhecer a força da Mi-

séria, um apelo à consciência dos homens, uma censura aos «homenzinhos» que frequentemente somos.

Sem contar com um dizer de antologia, bebe-se n'«O Barredo» o sentido do outro e o sentido prático. Eu propunha uma selecção de textos do Padre Américo (se tivesse voz, que parece negarem aos de 50 anos!...) para a informação da parte social da nova disciplina introduzida nos Liceus e que se chama Introdução à Política.

(...) A verdade e o Evangelho não são sinuosos...»

Aí está uma opinião democrática.

Júlio Mendes

## CARTA DOS JOVENS AOS CRISTÃOS

Continuação da PRIMEIRA pág.

todos, se encontram sujeitos à dependência, à opressão, ao silêncio.

E hoje temos uma certeza: Cristo ressuscitado prepara o Seu Povo para que se torne um Povo contemplativo, sedento de Deus; Povo de justiça, vivendo a luta dos homens e dos explorados; Povo da comunhão, onde mesmo os não-crentes encontram o seu lugar de criatividade.

Nós somos parte integrante desse Povo. Por isso lhe dirigimos esta carta, para com ele partilhar as inquietações que trazemos connosco e as esperanças que nos devoram.

Muitas Igrejas, no hemisfério sul como no hemisfério norte, vivem vigiadas, pressionadas e até perseguidas. Algumas delas demonstram que, desligadas do poder político, sem meios de poder, sem riquezas, a Igreja consegue renascer, tornar-se força libertadora dos homens e irradiar Deus.

Outra parte do Povo de Deus, tanto no hemisfério norte como no hemisfério sul, pactua com a desigualdade. Há cristãos, individualmente considerados, tanto como numerosas instituições da Igreja, que estão a capitalizar bens e amontoam imensas riquezas em dinheiro, terras, edifícios e acções bancárias. Há países em que as Igrejas se mantêm ligadas aos poderes políticos e financeiros. Do seu superfluo dão grandes somas para o desenvolvimento, mas não mudam as suas próprias estruturas. Há instituições da Igreja que andam à busca de meios mais eficazes para levarem a cabo a sua missão, animar as suas actividades e reunir os seus grupos; mas acabam por ver que, pouco a pouco, a vida desaparece, ficando as instituições a girar no vazio. As Igrejas são cada vez mais abandonadas pelos homens do nosso tempo. A sua palavra perde credibilidade.

Os cristãos dos primeiros tempos punham tudo em comum. Reuniam-se diariamente para orar. Viviam na alegria e na simplicidade. E assim os reconheciam como cristãos.

Durante os últimos anos da preparação do Concílio dos Jovens, destacaram-se, de entre

a extrema diversidade de sugestões formuladas, algumas intuições a que dedicamos este primeiro Concílio:

— Que dizes, Igreja, do teu futuro?

— Irás renunciar aos meios do poder, aos compromissos com os poderes políticos e financeiros?

— Irás deixar os privilégios, renunciarás a capitalizar? Irás, finalmente, ser «comunidade universal que partilha», comunidade entregue à reconciliação, lugar de comunhão e de amizade entregue à reconciliação, lugar de comunhão e de amizade para a humanidade inteira?

— Em cada lugar e por toda a terra, acabarás por ser somente duma sociedade sem classes e sem privilégios, sem domínio dum homem sobre outro homem, dum povo sobre outro povo?

— Que dizes, Igreja, do teu futuro?

Chegarás a ser o «Povo das Bem-aventuranças», sem outra segurança que não seja Cristo? Um Povo pobre, contemplativo, criador de paz, portador de alegria e da festa libertadora dos homens, ainda que com o risco da perseguição por causa da Justiça?

— Se somos parte integrante da Igreja, sabemos que nada podemos exigir aos outros, se nós mesmos não arriscarmos o todo pelo todo? Que podemos temer? Porventura não disse Cristo: «Vim acender um fogo sobre a terra e que mais quero senão que se ateie?»

Queremos viver o Concílio dos Jovens como que em antecipação de tudo aquilo que pedimos. Teremos a audácia de nos comprometermos, juntos e definitivamente, a viver o inesperado, para fazer brotar o espírito das Bem-aventuranças no Povo de Deus, para sermos fermento duma sociedade sem classes e sem privilégios.

Dirigimos ao Povo de Deus esta primeira carta, escrita nos nossos corações, para com ele partilharmos tudo isto que nos está queimando.

Na abertura do Concílio dos Jovens,

Trizé, 1 de Setembro de 1974.

(In «Distrito de Portalegre»)

# Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

de vinte. Só cinco, depois de verificarem o engano, tiveram a coragem de o reconhecer e voltaram. Os outros lá andam. Nós por cá andamos a sangrar.

Não basta ter belos ideais. É preciso vivê-los e mais ainda é preciso experimentar a realização deles. Parece-me que todos os corpos redactoriais deviam ter à sua frente homens que fossem também educadores. Pelo menos educadores dos seus filhos, para assim poderem instruir, informar e educar este Povo que tanto amamos, de uma forma correcta e sã, na construção de uma comunidade democrática.

Não somos ainda um Povo livre. Somos um Povo que agora pode conquistar a sua liberdade. A Liberdade não nos foi nem é oferecida. A Liberdade conquista-se. Só na medida em que somos e nos sentimos responsáveis, é que somos livres.

Quantos adolescentes, alguns até de barba branca, julgam que a Liberdade é cada um

poder satisfazer todas as suas paixões e instintos sem olhar a mais ninguém senão a si próprios. Pelo contrário, todos sentimos e sabemos pela História dos homens que a Liberdade só se conquista com a arma da Verdade. É necessário que cada homem seja verdade. Verdade nas afirmações. Verdade nas apreciações. Verdade no trabalho. Verdade na investigação. Verdade na vida. Quero que fique aqui o aviso da História: — Só a Verdade liberta. Só ela constrói e apaixona. Os truques, o puzar a brasa à sua sardinha, só podem acorrentar e levar os acorrentados — nunca libertar.

x x x

Comprámos duas máquinas para a Tipografia. Teve de ser duas porque uma exigia a outra. Ficámos a dever 400 contos. As máquinas não-de pagar-se pelo seu trabalho, mas o peso da dívida é muito grande para quem tem de pôr a mesa e tudo o resto a 140 pessoas. Ultimamente as ajudas diminuíram um tanto, não sei porquê. A venda de «O Gaiato» em Setúbal baixou. O gado que tínhamos para vender desvalorizou 40%. Andamos um pouco aflitos.

Podes vir em nossa ajuda?

